

## GÊNERO E CIÊNCIA EM DEBATE NO YOUTUBE: QUAIS REPRESENTAÇÕES CIRCULAM NESSE ESPAÇO?

*Eixo Temático ET 29 - Pedagogias de Gêneros e Sexualidades em Mídias  
e Artefatos Culturais*

Yasmin Teixeira Mello <sup>1</sup>  
Joanalira Corpes Magalhães <sup>2</sup>

### RESUMO

Ao longo da história, as mulheres têm enfrentado dificuldades quanto a sua inserção, visibilidade e reconhecimento na ciência. Assim, o objetivo deste trabalho é investigar quais representações estão presentes em um vídeo da plataforma YouTube que discute as questões de gênero e ciência em um canal protagonizado por mulheres cientistas. Para a produção dos dados foi realizada a análise cultural do vídeo “A história das mulheres na ciência”. No vídeo é possível analisar uma série de representações que interpelavam as mulheres na ciência e em espaços sociais no passado e que ressoam até hoje. Esses vídeos têm se mostrado um potente artefato cultural para visibilizar as discussões sobre gênero e ciência problematizando as representações e modos de compreender as mulheres na ciência.

**Palavras-chave:** Gênero; Ciência, Mulheres, YouTube.

### ENTENDIMENTOS INICIAIS

No vídeo intitulado de “Mulheres na ciência ft. Peixe Babel e Bit de Prosa”<sup>3</sup> publicado no dia 27 de maio de 2018 no canal “A matemânica”, as cientistas e *youtubers*<sup>4</sup>

<sup>1</sup> Doutoranda do Curso de Educação em Ciências da Universidade Federal do Rio Grande - FURG, [by-yasminmello@hotmail.com](mailto:by-yasminmello@hotmail.com);

<sup>2</sup> Professora orientadora: Doutora em Educação em Ciências, Universidade Federal do Rio Grande - FURG Universidade Federal do Rio Grande - FURG Universidade Federal do Rio Grande - FURG, [joanaliramagalhaes@gmail.com](mailto:joanaliramagalhaes@gmail.com).

<sup>3</sup> Link do vídeo: [https://www.youtube.com/watch?v=0xYpFCqmh\\_Y&t=195s](https://www.youtube.com/watch?v=0xYpFCqmh_Y&t=195s).

<sup>4</sup> Chamamos de *youtubers* as/os usuárias/os da plataforma YouTube que se utilizam desse canal para compartilhar vídeos sobre diversos assuntos e acabam se tornando formadoras/es de opinião.

Julia Jacoud, Camila Laranjeira e Vive Fernandes discutem o fato do ambiente científico ainda ser predominantemente masculino e que as mulheres não são incentivadas a estarem nesse ambiente. Assim como em demais espaços sociais, as profissões também são espaços generificados, sendo, ainda hoje, as mulheres mais relacionadas às profissões vinculadas ao cuidado e à atenção (CRUZ; MARQUE, 2018).

Ao olharmos para o meio científico, percebemos que as desigualdades entre os gêneros ainda são grandes. Por muitos anos, a produção científica esteve nas “mãos” de homens, porém, a partir da segunda metade do século XX, essa produção passou a ser reivindicada pelas mulheres, efeito das lutas para garantir direitos e oportunidades iguais (SILVA; RIBEIRO, 2011). Logo, os Estudos de Gênero e Ciência possibilitam olhar para a história da ciência e assim questionar a (in)visibilidade das mulheres nesse espaço, impulsionando os movimentos de luta, visibilidade e reconhecimento, assim como possibilitaram que estas discussões passassem a estar presentes em diferentes espaços, inclusive em artefatos culturais como os vídeos presente na plataforma YouTube.

Desta forma, este trabalho tem como objetivo investigar quais representações<sup>5</sup> estão presentes em um vídeo da plataforma YouTube que discute as questões de gênero e ciência em um canal protagonizado por mulheres cientistas.

## CAMINHOS MÉTODOLÓGICOS

O presente trabalho é um recorte da pesquisa de doutorado que vêm sendo desenvolvida no Programa de Pós-graduação em Educação em Ciências da Universidade Federal do Rio Grande – FURG, cujo objetivo é analisar as narrativas de mulheres cientistas e *youtubers*, assim como alguns vídeos presentes em seus canais, a fim de investigar como as discussões sobre gênero e ciência vêm sendo promovidas.

Dentre os 62 vídeos que compõem o corpus de análise da tese, para a escrita deste trabalho foi selecionado e analisado, no período de maio de 2022, o vídeo com maior número de visualizações.

O vídeo selecionado intitulado de “A história das mulheres na ciência”<sup>6</sup>, pertence ao canal “Nunca vi 1 cientista” e foi publicado no dia 13 de março de 2021. Tal vídeo

---

<sup>5</sup> Entendemos a representação como o modo de produzir significados na cultura através da linguagem.

<sup>6</sup> Link do vídeo: <https://www.youtube.com/watch?v=OTGeSqr-COQ>.

apresenta o total de 72.660 mil visualizações, 1.328 comentários, 14 mil curtidas e 50 não curtidas na plataforma de compartilhamento de vídeos YouTube.

Para a análise do vídeo foram utilizadas algumas ferramentas da análise cultural, que é uma metodologia que se propõe a mostrar que “há representações produzidas a partir de significados que circulam na cultura” (WORTMANN, 2007, p.75), possibilitando olhar para as produções culturais, entendendo essas produções como um importante espaço capaz de educar as/os sujeitas/os.

Com isso, a análise cultural nos proporciona desnaturalizar os significados e as verdades que estão presentes no nosso cotidiano, sobre as desigualdades vivenciadas pelas mulheres cientistas. E ao olharmos para os vídeos enquanto espaços que também nos educam podemos pensar como as representações de mulheres na ciência estão presentes e produzem marcas nas/os sujeitas/os.

## **ARTICULAÇÕES TEÓRICAS**

Na década de 1970 começaram a emergir as discussões sobre gênero e ciência intimamente relacionadas ao “movimento feminista e com os estudos culturais e sociais da ciência” (LOWY, 2009, p. 40). Aliado a essa questão, emerge a crítica feminista a ciência entendendo a ciência como uma construção social, possibilitando colocar em xeque o discurso da verdade absoluta e pensar os conhecimentos não mais como universais (HARDING, 2000).

A partir dos estudos de gênero e ciência foi possível problematizar o fato de a produção do conhecimento científico ter sido por muitos anos associada a figura masculina e para (re)pensar o papel das mulheres nas áreas das ciências por conta das marcas provocadas pelo passado de menor escolaridade (SILVA; RIBEIRO, 2011).

Desta forma, as discussões sobre gênero e ciência têm se tornado cada vez mais presentes nos mais variados espaços, como no caso do artefato cultural que vai ser analisado neste trabalho.

Os artefatos culturais são definidos como “produções resultantes de processos de construção social e cultural” (OLIVEIRA; MAGALHÃES, 2017, p.95) e “produzem conhecimentos e significados, nos quais transmitem ideias e conhecimentos e assim podemos dizer que produzem uma pedagogia cultural” (Idem, p.101) que através das relações de poder nos ensinam formas de ser e estar na sociedade.

Desta forma, os vídeos presentes na plataforma YouTube, são considerados artefatos culturais que possuem uma série de representações e modos de compreender as mulheres na ciência.

As representações presentes nos espaços educativos, como o YouTube, apresentam algumas formas de ser mulher e homem e assim “podem contribuir (e têm contribuído) para produzir desigualdades” (PARAÍSO, 2012, p.30). Desta forma, as representações que circulam na sociedade salientam aquilo que se espera das mulheres no campo das ciências e em outros espaços sociais. Porém cabe salientar que “nesses espaços, também, discursos podem ser desnaturalizados, questionados e desconstruídos, e rupturas podem ser introduzidas, numa transformação constante de relações de poder já instauradas” (Idem), conforme vamos discutir a partir do vídeo analisado neste texto.

## **TECENDO ANÁLISES**

No vídeo selecionado para a análise as duas protagonistas do canal, a farmacêutica bioquímica Ana Bonassa e a bióloga Luara Marise, anunciam que o vídeo irá apresentar uma conversa com a influenciadora Maíra Medeiros, em que as três mulheres exploram fatos sobre a história e as dificuldades das mulheres na ciência a partir da interação com um jogo de tabuleiro.

No início do vídeo, as duas protagonistas do canal explicam as regras do jogo que foi criado por elas para a convidada, mostrando partes do tabuleiro para exemplificar o que está presente nas casas especiais, como por exemplo “mulher nasceu para ser dona de casa, então você fica uma rodada sem jogar”. Continuam a explicação salientando que cada jogadora tem uma peça que deve movimentar pelo tabuleiro ao jogar o dado e devem pegar uma carta que vai trazer alguma questão relacionada as mulheres na ciência e a informação de quantas casas devem avançar ou voltar. Por fim, complementam que quem chegar primeiro no final ganha o prêmio Nobel.

No decorrer do jogo, quando é realizada a leitura das cartas e das casas especiais do tabuleiro, é possível perceber como as mulheres, ao longo do tempo, eram representadas na ciência.

Ao realizar a leitura da carta “Mulheres eram privadas de participar de aulas como anatomia e reprodução por supostamente terem uma ~natureza delicada~ ‘ela vai se envergonhar pipipopopo’. Você está na universidade, mas não pode ir às aulas, volte 1

casa”, Ana, Laura e Maíra discutem o fato de que antigamente a representação que circulava nesses espaços determinava que as mulheres não tinham permissão para ver a genitália masculina com a finalidade de estudo pelo fato de a mulher era vista como frágil.

Desta forma, a partir desses discursos que são produzidos e reproduzidos na sociedade à presença das mulheres na ciência não era/é tão reconhecida e visibilizada. E para serem legitimadas dentro desse espaço a representação que opera/operava sobre as mulheres faz com que muitas optem por não expressar sua feminilidade, como é salientado pela *youtuber* Ana no vídeo em que ao realizar a leitura de uma carta diz que as “mulheres inteligentes, eloquentes, e até pouco vaidosas eram vistas como não femininas”, problematizando assim o fato de que as mulheres só eram vistas como capazes e inteligentes no meio científico caso tivessem traços mais masculinizados.

A questão do não reconhecimento das mulheres enquanto cientistas foi problematizada no vídeo com a leitura da carta do jogo em que mencionava: “Muitas mulheres apesar de terem feito descobertas fantásticas, eram reconhecidas como assistentes técnicas, ou esposas de cientistas e não como os cientistas de fato. Você não foi reconhecida pelo seu trabalho, volte uma casa”. Esta questão pode ser explicada, pois, “foi se instituindo que os cientistas seriam homens e o papel das mulheres eram os de esposas, devendo estar em casa para cuidar do marido e de seus/suas filhos/filhas, ou 'ajudar' seus maridos em alguma atividade” (CASEIRA, 2016, p. 22).

Neste momento Laura compartilha que na biografia de Marie Curie que ela havia acabado de ler é dito que a cientista só ganhou seu primeiro prêmio Nobel em física, porque o seu marido, Pierre Curie, insistiu para que ela ganhasse junto com ele o prêmio, pois, mesmo ela sendo assistente-chefe do laboratório em que ele era o diretor, eles haviam trabalhados juntos na pesquisa sobre radiação.

Laura e Ana ainda completam dizendo que as mulheres eram excluídas de forma tão significativa da ciência que fazia com que algumas delas publicassem trabalhos usando pseudônimos masculinos, pois, caso publicassem com seus nomes os trabalhos seriam descredibilizados e até mesmo teriam sua veracidade contestado pelos “homens da ciência”.

Na leitura da carta do jogo “Você é mulher no século XVI. As universidades surgem o ensino começou a ser cada vez mais independente das escolas religiosas. Mas, as mulheres não têm acesso a esse ensino. Há uma lei contra o acesso das mulheres da educação superior, porque acredite-se que o cérebro gasta sangue da menstruação e isso

leva a incapacidade reprodutiva ~extinção da espécie humana~”, Ana, Laura e Máira problematizam os saberes que são produzidos sobre o corpo da mulher como forma de justificar as desigualdades que elas enfrentam na ciência, e Laura ainda salienta que na atualidade existem estudos que tentam se utilizar de aspectos biológicos do cérebro da mulher para isso.

Desta forma, as redes de discursos que produziram determinados saberes sobre o cérebro das mulheres, foram/são utilizados como justificativa para destinar as mulheres a ocupação de outros espaços que não o do fazer ciência ou a determinados áreas das ciências, visto que alguns discursos da neurociência visam “explicar e naturalizar as possíveis distinções das capacidades, aptidões, padrões cognitivos e comportamentais, bem como os diferentes posicionamentos sociais estabelecidos para esses sujeitos” (MAGALHÃES, 2008, p. 23).

No vídeo também é discutida a questão das diferenças atribuídas entre meninas e meninos com a leitura da carta em que tinha a seguinte afirmação: “Na educação básica as escolas são segregadas com ensinamentos diferentes. Ex: meninos tinham aulas de matemática complexa e meninas aprendiam a contar os ingredientes para fazer receitas. Você perdeu a educação básica, volte 2 casas”.

Como consequência da representação que potencializava a distinção que acontecia antigamente, e que ainda acontece de forma menos explícita atualmente como salientado por Ana, Laura e Máira na leitura da carta anterior, é possível discutir quais as possibilidades que normalmente são apresentadas e aceitáveis para as mulheres quando elas decidem iniciar suas trajetórias acadêmicas e profissionais, pois em sua grande maioria quando olhamos para o campo da ciência as mulheres aparecem em maior número na área das Ciências Humanas e Sociais, já enquanto os homens aparecem em maior número na área das Ciências Exatas (MELO; RODRIGUES, 2013).

No decorrer do jogo, são apresentadas e problematizadas por Ana, Laura e Máira algumas representações que interpelavam as mulheres na ciência e em espaços sociais no passado, como a sua exclusão desse espaço com base em saberes que se pautavam em características biológicas para justificar a ausência. Porém, essas exclusões enfrentadas pelas mulheres estão longe de serem um problema do passado, pois ainda ressoam em alguns espaços da ciência atualmente.

Ao compreender o vídeo enquanto um espaço que nos educa podemos problematizar como são apresentadas determinadas representações e determinados modos de compreender as mulheres no campo da ciência e na sociedade em determinados períodos históricos. Assim, este vídeo tem se mostrado um artefato cultural potente para visibilizar e ampliar as discussões sobre as questões de gênero e ciência.

### **AGRADECIMENTOS**

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

### **REFERÊNCIAS**

- CASEIRA, Fabiani F. **“O mundo precisa de ciência, a ciência precisa de mulheres”:** **Investigando a premiação para mulheres na ciência.** 2016. 128 f. Dissertação (Mestrado em Educação em Ciências) – Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande, 2016.
- CRUZ, Ana C.; MARQUES, A. C. Infância, gênero e ciência: Análise de possibilidades e desafios da estratégia de oficinas pedagógicas na discussão sobre gênero e profissão. **REGRASP**, São Paulo, v. 3, n. 2, 2018, p. 32-51.
- HARDING, Sandra. **Ciência y feminismo.** Madrid: Ediciones Morata. 1996. p. 240.
- LOWY, Ilona. Gênero e ciência. *In:* LABORIE, Françoise; HIRATA, Hélène (org.) **Dicionário crítico do feminismo.** UNESP: São Paulo. 2009. p. 40-44.
- MAGALHÃES, Joanalira C. **Por que os homens nunca ouvem e as mulheres não sabem estacionar?: analisando a rede de discursos das neurociências quanto às questões de gênero em alguns artefatos culturais.** 2008. 85f. Dissertação (Mestrado em Educação em Ciências) – Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande, 2008.
- MELO, Hildete P.; RODRIGUES, Ligia. Pioneiras da ciência do Brasil. **Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência**, Rio de Janeiro, 2013.
- OLIVEIRA, Luciana R.; MAGALHÃES, Joanalira C. Esse é o show da Luna: investigando gênero, ensino de ciências e pedagogias culturais. **Domínios da Imagem**, v. 11, n. 20, p. 95-118, 2017.
- PARAÍSO, Marlucy A. Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação e currículo: trajetórias, pressupostos, procedimentos e estratégias analíticas. *In:* MEYER, Dagmar E.; PARAÍSO, Marlucy A. (org). **Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação.** Belo Horizonte: Mazza Edições, p. 23-45, 2012.
- SILVA, Fabiane F.; RIBEIRO, Paula R. C. A participação das mulheres na ciência: problematizações sobre as diferenças de gênero. **Revista Labrys Estudos Feministas**, Brasil-França, n. 10, p. 1-25, 2011.
- WORTMANN, Maria L. C. Análises Culturais: um modo de lidar com histórias que interessam à educação. *In:* COSTA, Maria V. (Org). **Caminhos Investigativos II:** outros



## **VIII Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade**

**IV Seminário Internacional  
Corpo, Gênero e Sexualidade**

**IV Luso-Brasileiro Educação  
em Sexualidade, Gênero,  
Saúde e Sustentabilidade**

modos de pensar e fazer pesquisa em educação. 2.ed. Rio de Janeiro: Lamparina editora,  
2007. p. 71-90.